Revista de Ciências Humanas e Sociais | ISSN: 2447-0244
V.1, n.2, jul-dez.2015
Missões

O Eterno Retorno como Princípio Ético de Aceitação da Vida em Nietzsche

The Eternal Return as Ethical Acceptance Principle of Life in Nietzsche

Kelly de Fátima Castilho[1]

Resumo: Nietzsche realiza uma implacável crítica à filosofia desde o seu surgimento porque esta teria sido uma maneira de negação da vida. Sócrates e Platão foram indicados como os dois grandes inimigos de Nietzsche e isto porque eles inauguram uma maneira de pensar que define até hoje ocidente: a centralidade da razão; o corpo como algo impuro e pecador; a repressão dos instintos; a superioridade da alma, etc. Nietzsche considera que essa forma de pensar desmerece e nega a vida naquilo que ela tem de mais expansivo e criativo e, sendo assim, propões uma nova maneira de fazer filosofia, que tem como princípio a aceitação da vida. O eterno retorno do mesmo é a expressão máxima de aceitação da vida, tal como ela é, sem restrições e é exatamente esse aspecto da filosofia de Nietzsche que procuraremos explorar neste trabalho.

Palavras-Chave: princípio ético, aceitação, filosofia.

Abstract: Nietzsche conducts a relentless critique of philosophy from its inception because it would have been a way of denial of life. Socrates and Plato were named as the two great enemies of Nietzsche and this because they inaugurate a way of thinking that defines today West: the centrality of reason; the body as something impure and sinful; the repression of instincts; the superiority of the soul, etc. Nietzsche believes that this way of thinking disparage and deny life what its most expansive and creative and, therefore, proposes a new way of doing philosophy that has as principle the acceptance of life. The eternal return of the same is the ultimate expression of acceptance of life as it is without restrictions and it is precisely this aspect of Nietzsche's philosophy that seek to exploit this work.

Keywords: ethical principle, acceptance, philosophy.

1.1 A doença de Sócrates e o surgimento da filosofia

No diálogo Fédon de Platão encontramos a seguinte frase que teria sido proferida por Sócrates: "Críton, devemos um galo a Asclépio"(PLATÃO, 1972, p. 132) Sócrates oferece um galo ao deus da medicina porque acredita estar sendo curado de um mal, de uma enfermidade, qual seja: a vida. Aos olhos de Nietzsche, essas palavras revelam todo o

[1] Mestre em filosofia pela UFSC e Professora de filosofia no IFFarroupilha-São Borja.

pessimismo de Sócrates e poderiam ser expressas nos seguintes termos: "*viver significa estar há muito doente - eu devo um galo à Asclépio curador"(*NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,§* 1, p.19)[2]. Qual é a real abrangência desses signos e o que eles representam para a história da filosofia? Neste momento entra em cena o pensamento de Nietzsche, mais especificamente do Nietzsche fisiólogo[3], que lê o caso de Sócrates como um indicativo da doença e da degeneração grega. O inventor da dialética teria inaugurado uma concepção de mundo essencialmente depreciativa e negadora a qual é preciso superar. Sócrates é um dos tipos que o autor de Zaratustra critica em vários momentos da obra, mas que para os fins de nosso trabalho nos deteremos na análise feita em *O Crepúsculo dos Ídolos* (O problema de Sócrates) e num aforismo da *Gaia Ciência* (Sócrates Moribundo), pois em ambos os textos encontramos uma leitura fisiológica da atitude socrática.

Sócrates, segundo Nietzsche, foi um *decadent*, alguém que negou e caluniou a vida até em seus últimos instantes. Aquela terrível e última frase pronunciada por ele momentos antes da morte nos indica sua posição pessimista e vingativa diante da vida. Infelizmente, diz Nietzsche, ele não foi o único: "em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo de valor sobre a vida: ela não vale nada...sempre e por toda a parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas."(NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,§* 1, p.19). Essa atitude duvidosa, cansada e melancólica, unânime entre os sábios, não prova a verdade desse juízo, ela indica, antes de tudo, que há algo de doente, que a vida está em declínio e é neste sentido que a história da filosofia é também a história de um erro, é a expressão de uma doença iniciada por Sócrates.

Esses mais sábios de todos os tempos, diz Nietzsche, não passaram de *décadents,* que sequer se firmavam sobre as pernas e o fato de concordarem quanto ao valor da existência não significa que tenham razão, mas, que há um acordo fisiológico entre eles para precisarem se colocar frente à vida dessa mesma forma negativa. Sócrates e Platão sofriam da vida e souberam expressar todo seu sofrimento ao avaliarem o valor da vida. Pois, "juízos de valor sobre a vida, a favor ou contra, nunca podem ser em última instância verdadeiros: eles só possuem o valor como sintomas, eles só podem vir a ser considerados enquanto sintomas" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,§* 2, p. 20). E quando um filósofo vê um problema no valor da vida isso já se ergue como "...uma objeção contra ele, um ponto de

[2] As abreviações das obras de Nietzsche estão na bibliografia.
[3] Nietzsche lança um olhar de fisiologista sobre a história da filosofia justamente com objetivo de indicar que é corpo quem faz filosofia e que diante de todo pensador devemos nos perguntar quem o inspira: a saúde ou a doença? A força ou fraqueza?

interrogação quanto à sua sabedoria, uma falta de sabedoria" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,§* 2, p. 20).

Sócrates foi alguém que sofreu da vida e como cura ao seu sofrimento inventou a dialética. Esse homem, exagerado e caricatural, foi um *decadent:* a anarquia no interior dos seus instintos, a superfetação do lógico e a maldade de raquítico apontam para isso. "Procuro compreender", diz Nietzsche, "de que idiossincrasia provém essa equiparação socrática entre Razão=Virtude=Felicidade" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,§* 4, p. 22). Como pôde Sócrates chegar a algo tão bizarro? Certamente, essa equação coloca a racionalidade numa posição jamais ocupada antes: num altar diante do qual se apresentam os mais sublimes sacrifícios. Essa reverência, esse culto ao racional assinala uma tendência dentre os filósofos de fazer do pensamento um remédio, um ponto solar, um refúgio. Ao lançar um olhar sutil a toda espécie de filosofia Nietzsche descobre que é o sofrimento do pensador quem elabora suas ideias. Em *A Gaia Ciência* lemos: "...adivinhamos melhor os involuntários desvios, vias paralelas, pontos de repouso, pontos solares do pensamento, aos quais os pensadores que sofrem são levados e aliciados justamente por sofrerem" (NIETZSCHE, GC, *Prólogo,* § 2, p.11).

A invenção socrática é indicativa da dissolução grega: "só se escolhe a dialética, quando não se tem mais nenhuma saída" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,* 6, p. 22). Ela só serve quando não se dispõe de nenhuma outra arma. Antes de Sócrates ela era tida como um mau costume era uma questão de decoro não lançar mão da dialética. Sócrates fez cair por terra um gosto nobre quando transformou o paladar grego em favor da dialética. Ela é uma forma de vingança, é um instrumento capaz de ridicularizar o interlocutor e deixá-lo furioso. Mas, por que ele foi levado a sério? O que fez com que esse mau gosto racionalista prevalecesse e se tornasse absoluto durante séculos? De onde surge essa vontade de verdade a qualquer preço? Essa necessidade de iluminar a vida com a luz diurna da razão e torná-la clara, conhecida e transparente? Sócrates foi grande por ter sido capaz de olhar por detrás dos atenienses nobres e perceber a degenerescência que se preparava em silêncio por toda parte. "A velha Atenas caminhava para o fim", diz Nietzsche, "e Sócrates entendeu que todo mundo tinha necessidade dele: de sua mediação, de sua cura, de seu artifício pessoal de auto-conservação" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates, §* 9, p. 24). Percebendo a anarquia dos instintos e que a qualquer momento os impulsos se tornariam tiranos, Sócrates fez vir ao mundo algo ainda mais forte capaz de dominá-los e relegá-los a segundo plano, a saber: a razão.

Esse foi o fascínio que Sócrates produziu nos atenienses, ele se apresentou enquanto resposta, enquanto solução e cura para esse caso. Diante do risco da degeneração e da decomposição os atenienses induzidos por Sócrates fazem da razão um tirano que reina de modo absoluto. A racionalidade foi descoberta como salvadora - como o último remédio capaz de impedir o fim. A situação era desesperadora: ou perecer, ou ser absurdamente racional. Portanto, o racionalismo socrático surge enquanto necessidade e não como uma escolha livre, não havia alternativa.

Assim, conclui Nietzsche: "o moralismo dos filósofos desde Platão está condicionado patologicamente; do mesmo modo que a sua avaliação da dialética" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,* 10, p. 25). Acreditar que a razão é capaz de livrar o grego da decadência é um erro no qual Sócrates e seus seguidores caíram. E foi desse erro, dessa doença e dessa forma corrompida de conceber a vida que nasceu a filosofia.

A razão é superior aos instintos. Essa é a ideia que está na base de todo desenvolvimento filosófico posterior; é sobre esse solo inquestionável e inabalável da razão que se ergue o edifício conceitual metafísico; dentre os pensadores jamais houve dúvida acerca dessa proposição. A tarefa de Nietzsche consiste em indicar o mal entendido com base no qual repousam as diversas concepções filosóficas. A razão não é um remédio, pois ela própria é uma outra doença: é algo doentio que nega, falsifica e desmerece a vida. "A luz diurna mais cintilante, a racionalidade a qualquer preço, a vida luminosa, fria, precavida, consciente, sem instinto, em contraposição aos instintos não se mostrou efetivamente senão como uma doença, como outra doença" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,* 11, p.26). Combater os instintos é indicativo de decadência, de fraqueza, degeneração, pois "enquanto a vida está em ascensão, a felicidade é igual aos instintos" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,* 11, p.26).

Diante da morte Sócrates reconhece que não foi nenhum médico, pois "apenas a morte é aqui a médica": só a morte pode curar o mal da vida. Sócrates sofreu da vida e vingou-se disso com a afirmação: "a vida é uma doença". Será possível? Pergunta Nietzsche, "um homem como ele, que viveu jovialmente e como um soldado à vista de todos - era um pessimista? (NIETZSCHE, GC, § 340). E Nietzsche conclui: "o próprio Sócrates só estava há muito doente" (NIETZSCHE, CI, *O problema de Sócrates,* § 12, p. 26).

E foi dessa doença que surgiu a metafísica, essa visão de mundo, cuja característica principal é a afirmação incondicional da racionalidade e do conhecimento enquanto um Bem supremo. Com Sócrates tem início a crença de que a razão não apenas pode conhecer o ser,

mas também corrigi-lo, moldá-lo.

1.2 A relação entre filosofia, saúde e doença e negação da vida

Qual a relação entre a filosofia e a doença de Nietzsche? Os sofrimentos que acompanharam o filósofo por aproximadamente quinze anos tiveram papel decisivo na sua produção filosófica? Ao que tudo indica a resposta é afirmativa e o próprio Nietzsche corrobora com essa ideia quando afirma a sua gratidão aos períodos de maior debilidade física:

> De tais abismos, de tal severa enfermidade, também da enfermidade da grave suspeita voltamos *renascidos*, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos, com uma segunda, mais perigosa inocência na alegria, ao mesmo tempo mais infantis e cem vezes mais refinados do que jamais fôramos antes (NIETZSCHE, GC, § 4, p. 14).

Aos olhos do filósofo, a doença aparece não apenas como algo inerente à própria vida, mas também como uma coisa da qual não se pode prescindir. O que há de mais curioso na posição de Nietzsche é que ele não se considera um doente, embora jamais negue sua fragilidade física. "Falta-me qualquer traço doentio; mesmo em tempo de severa doença não me tornei doente; em vão procura-se em meu ser um traço de fanatismo" (NIETZSCHE, EH, II, § 10, p. 50). A doença à qual o filósofo se refere nessa passagem é a metafísica. Ao contrário de Sócrates, Nietzsche não é um pensador doente: sua filosofia não provém da doença ou da fraqueza, mas sim de uma afirmação incondicional da vida, da qual só seria capaz um ser sadio.

A filosofia, para Nietzsche, não está separada da vida, pelo contrário, é um indicativo do tipo fisiológico do pensador, ela aponta para a doença ou para a saúde do filósofo: em alguns são as deficiências que filosofam, em outros as riquezas e forças. Por se considerar um mestre na arte de analisar os sinais de ascensão e declínio, Nietzsche faz uma leitura da história da filosofia a partir da óptica fisiológica de modo que as ideias aparecem enquanto sintomas do corpo. Os filósofos doentes tomam a sua filosofia como remédio, ao passo que para os sadios ela é apenas um luxo. "Mas naquele outro caso, mais frequente, em que as crises fazem filosofia, como em todos os pensadores doentes - e talvez os pensadores doentes predominem na história da filosofia -: que virá a ser do pensamento mesmo que é

submetido à pressão da doença?" (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 11). Que tipo de filosofia poderá surgir da moléstia e da fraqueza do pensador? De que modo se colocará diante da vida aquele que sofre e é atormentado pela doença? Será uma filosofia da altivez, do orgulho e do amor-próprio ou do recuo, do medo e da covardia frente à realidade? Olhando sutilmente para todo o filosofar que houve até agora Nietzsche percebe que o corpo doente arrasta o espírito para "sol, sossego, brandura, paciência, remédio, bálsamo em todo e qualquer sentido" (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 11). A fim de suportar sua aflição o pensador inventa o seu próprio remédio, sua redenção, seu bálsamo.

> Toda a filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda metafísica e física que conhece um *finale,* um estado final de qualquer espécie, todo o anseio predominantemente estético ou religioso por um Além, Ao-lado, Acima, Fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 11).

Para Nietzsche, toda filosofia pode ser reduzida a uma interpretação ou má compreensão do corpo, visto que as necessidades fisiológicas se disfarçam com o manto da objetividade e da espiritualidade. "Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más compreensões da constituição física, seja de indivíduos, seja classes ou raças inteiras." (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 12). Daí surge o falsificar, o denegrir, o dizer Não à efetividade, as insânias da metafísica e os seus juízos de valor sobre a vida. Tudo isso deve ser considerado sintomas de determinados corpos: "do seu êxito ou fracasso, de sua plenitude, potência, soberania na história, ou então de suas inibições, fadigas, pobrezas, de seu pressentimento do fim, sua vontade de fim" NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 12.

Nietzsche acredita que a ousadia de levar ao cúmulo sua suspeita permitirá a um médico filosófico a seguinte afirmação: "em todo o filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a 'verdade', mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida" (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 2, p. 12).

A busca da verdade foi apenas um pretexto para que exigências fisiológicas fizessem filosofia. Essa ideia certamente se choca com a concepção de que o conhecimento é algo puro, objetivo e sem interesse.

Embora muito doente e acometido de dores insuportáveis, o autor de Zaratustra jamais nega os benefícios da sua enfermidade e as vantagens que ela lhe proporciona em

relação aos chamados "robustos do espírito". Aos olhos de Nietzsche, o filósofo não faz outra coisa a não ser transpor o seu estado físico para uma forma espiritual. E é justamente isso que define a filosofia, ela é esta arte da transfiguração, assim, "um filósofo que percorreu muitas saúdes e sempre as torna a percorrer passou igualmente por outras tantas filosofias" (NIETZSCHE, GC, *Prólogo, §* 3, p. 12).

Filosofia é vivência e deve ser escrita com sangue, amor, coração, paixão, tormento e fatalidade: vida e filosofia se confundem, elas são a mesma coisa. Durante toda sua produção filosófica Nietzsche jamais abandona essa ideia e, visando isso, adverte o leitor para a impossibilidade de se familiarizar com a vivência dos outros, com o sangue dos outros. Ler um texto é entrar em contato com o sangue alheio, com a dor e com o sofrimento daquele que escreve. A compreensão também requer sangue e ouvidos para a lamúria do escritor, é preciso estar à altura do escrito. "Quem sabe respirar o ar dos meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar *forte.* É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar."(NIETZSCHE, EH, *Prólogo, §* 2, p. 18). Essa é a exigência de Nietzsche para com seus leitores e, ao que se refere a Zaratustra ele afirma: "para compreender um pouco que seja do meu Zaratustra, é necessário talvez estar em condição semelhante à minha - com um pé *além* da vida" (NIETZSCHE, EH, *Por que sou tão sábio,* § 3, p. 27).

A grande dor traz consigo a grande suspeita: se receia de tudo o que até então foi tido como sagrado. "A confiança na vida se foi; a vida mesma tornou-se um problema" (NIETZSCHE, EH, *Por que sou tão sábio,* § 3, p. 27). Isso não significa, diz Nietzsche, que não se ame mais a vida, é apenas um amor diferente: o amor a uma mulher da qual se duvida. É um amor que se mistura com a aflição de tudo o que é problemático, perigoso e incerto, é uma nova espécie de felicidade.

Após esses períodos de severa enfermidade o convalescente passa a gozar de uma nova felicidade e sutiliza no gosto da qual só ele é capaz. A vida que vinga, o homem que de tais abismos e precipícios volta renascido faz bem aos nossos sentidos, diz Nietzsche, "ele é talhado em madeira dura, delicada e cheirosa ao mesmo tempo" (NIETZSCHE, EH, *Por que sou tão sábio, §* 2, p. 25), repugnando a fruição grosseira dos homens cultos que a todo custo querem sentir "prazeres espirituais". Nietzsche reconhece que depois de longo tempo de doença descobriu a vida e a si mesmo novamente, "saboreei", diz ele, "todas as coisas boas e mesmo pequenas coisas, como outros não as teriam sabido saborear - fiz da minha vontade de saúde, de vida, a minha filosofia" (NIETZSCHE, EH, *Por que sou tão sábio, §* 2, p. 25). Daí provém a extrema gratidão de Nietzsche para com sua doença, pois se a sua filosofia reflete

um dizer Sim incondicional à vida isso se deve à uma debilidade física constante que não lhe permite uma concepção pessimista, quanto a isso lemos em Ecce Homo: "foi durante os anos de minha menor vitalidade que deixei de ser um pessimista: o instinto de auto-restabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo" (NIETZSCHE, EH, *I, §* 2, p. 25).

Embora dono de uma saúde extremamente frágil Nietzsche foi um filósofo sadio, sua filosofia é o resultado de um dizer Sim, de um amor ao destino, ao necessário, o desejo de não ver nada diferente, de não ser diferente. Isso certamente o distingue daqueles "robustos do espírito", que não suportando o caráter transitório do vir-a-ser, postularam outro mundo mais perfeito que esse e outra vida melhor que essa. "Sem considerar que sou um *décadent* sou também o seu oposto. Minha prova para isso", diz ele, "é, entre outras, que instintivamente sempre escolhi os remédios certos contra os estados ruins: enquanto o *décadent* em si sempre escolhe os meios que o prejudicam." (NIETZSCHE, EH, I, §2, p. 25) Em Nietzsche foi sempre a saúde que fez filosofia, a vontade de vida, a força: ele se apropria da doença para torná-la saúde, ao passo que toda história da filosofia desde Sócrates foi a expressão da mais terrível forma de enfermidade. Durante séculos os pensadores deixaram a doença guiar suas ideias e concepções, resultando daí o ódio e a vontade de vingança contra a vida, a vontade de negar, de dizer Não a tudo o que é terreno, transitório. Provém daí o imperioso juízo de valor sobre a existência: a vida não vale nada!

1.3 O eterno retorno do mesmo como a máxima aquiescência da vida

Mas, afinal em que consiste o pensamento do eterno retorno e o que leva Nietzsche a formulá-lo? No § 341 da *Gaia Ciência* o filósofo nos apresenta pela primeira vez essa ideia como um desafio, aí lemos:

> E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: 'esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente - e você com ela, partícula de poeira! (NIETZSCHE, GC, §341, p. 230).

Como vemos o filósofo nos apresenta seu pensamento de forma hipotética e é assim que ele aparece também em *Para Além de Bem e Mal* no § 56. Nesse aforismo o eterno retorno se coloca enquanto um ideal contrário ao ideal pessimista que prevaleceu até então. Contra a negação da vida está "o ideal do homem mais exuberante, mais vivo e mais afirmador do mundo, que não só aprendeu a se resignar e suportar tudo o que existiu e é, mas deseja tê-lo novamente, *tal como existiu e é,* por toda a eternidade, gritando incessantemente *'da capo'* [do início], não apenas para si mesmo, mas para a peça e o espetáculo inteiro..." (NIETZCSHE, BM, §56, p.54).

Segundo Roberto Machado, o que importa são os efeitos que a ideia da eterna repetição da vida tem sobre a vontade humana. Afirmar o eterno retorno é desejar que toda a realidade ocorra novamente, é eternizar o instante, o momento, o aqui e agora. Não é por acaso que na obra publicada esse pensamento aparece como prova, como teste e desafio ao homem. Para o autor, não interessa saber se efetivamente as coisas retornam, o que importa, diz ele, "é viver como se cada instante da vida fosse retornar eternamente. Querer a eternização do instante vivido, pela afirmação do seu retorno, é amar a vida com o máximo de intensidade." (MACHADO, R. *Zaratustra tragédia nietzschiana.* p 142). O autor enfatiza o aspecto ético da doutrina do eterno retorno, segundo ele, o próprio Nietzsche teria dado indicações nesse sentido quando em Ecce Homo afirma que a ideia básica e fundamental da sua doutrina encontra-se no § 341 da *Gaia Ciência*. Formulado sob a forma de uma hipótese o eterno retorno aparece enquanto uma sugestão ética: como agiríamos se soubéssemos que tudo irá retornar infinitamente?

> Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, 'você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?', pesaria sobre você os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (NIETZSCHE, GC, §341, p. 230)

Sem dúvidas a mera suposição do eterno retorno tem grande poder sobre nosso agir e pensar e não é por acaso que Nietzsche vem nos desafiar com essa doutrina, pois ela representa uma revanche, uma afronta à concepção metafísica. Entendo o eterno retorno como o acabamento da crítica nietzschiana à metafísica e uma alternativa ao dualismo presente nessa concepção. Todo edifício conceitual milenarmente construído desmorona - cai por terra - com a ideia de que tudo, absolutamente tudo vai retornar eternamente.

É importante salientar que Nietzsche sempre se considerou um pensador sadio e afirmativo e assim o processo de desconstrução da metafísica elaborado por ele, deve ser visto como pressuposto fundamental para chegar ao eterno retorno. Somente depois de não acreditarmos mais em Deus e no Além, no sujeito enquanto causa das ações, no mundo ordenado e matematicamente explicável, enfim, quando abrirmos mão de um substrato último, só aí estaremos à altura do eterno retorno. É preciso transpor até o último abismo, é preciso ser o Além-do-homem - superar o niilismo que a morte de Deus causou e entender a ausência de valores como uma liberdade de criar e não como um "tudo é permitido".

Como suportar o eterno retorno? Como carregar o peso do eternamente sem sentido? Uma das indicações de Nietzsche é a transvaloração de todos os valores. Não mais a alegria na certeza, no conhecimento puro, objetivo desinteressado, na verdade oculta por trás das coisas, mas alegria na incerteza, no imprevisível, no estrangeiro. Substituir a crença na causalidade pela noção de criação permanente, na qual o próprio conhecimento não é nada de imaculado, puro, mas a eterna criação, interesse e perspectiva. A vida deve ser vista como um por fazer mergulhado na fugacidade e na efemeridade de todas as coisas, de todos os gestos e ações, que sem sentido, sem coerência lógica e sem finalidade, se repetirá eternamente. Diante dessa ideia atroz o que nos resta senão amar nosso destino, dizer a ele o grande Sim. Amá-lo na sua incompletude, no seu por fazer, na sua leveza? É o que nos aconselha Nietzsche:

> Minha fórmula para a grandeza no homem é o *amor fati*, não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo (NIETZSCHE, EH, II, §10, p. 51).

Certamente a doutrina Nietzschiana do eterno retorno lança uma nova luz sobre todas as coisas, ela abarca a totalidade do ente, mudando o peso de todas as coisas. Não é apenas uma ideia abstrata ou intelectiva, mas exige de nós uma experiência radical do pensar que mudará nossa postura diante da vida e do mundo. Essa nova compreensão faz cair por terra as antigas dicotomias da metafísica e anuncia o grande meio dia da humanidade – onde mundo verdadeiro e mundo aparente são suprimidos. O homem deixa de ser o sujeito do conhecimento para se identificar com o próprio mundo, partilhando o destino de todas as coisas. Não há mais uma teleologia objetiva governando a existência, sequer recompensas e

punições futuras – o que há é o instante e é ele que deve ser amado e afirmado.

Zaratustra é aquele que tem a mais terrível percepção da realidade e não encontra nisso objeção contra a eterna repetição da vida, ao contrário, encontra motivos para dizer a ela o grande Sim, diz Amém a todas as coisas, sem querer vingança, sem ressentimentos contra o tempo, ele vê "antes uma razão a mais para *ser ele mesmo* o eterno Sim a todas as coisas, 'o imenso ilimitado Sim e Amém' ...'A todos os abismos levo a benção do meu Sim'...*mas esta é a idéia do Dionísio mais uma vez* (NIETZSCHE, EH, ZA, § 6, p. 90).

Zaratustra com seus pés de bailarino não vem pregar a vida após a morte, tampouco outro mundo no qual possamos ser felizes, mas vem afirmar a eternidade desse instante aqui e agora. "O dizer sim à vida mesma ainda em seus problemas mais estranhos e mais duros; a vontade de vida, tornando-se alegre de sua própria inesgotabilidade em meio ao sacrifício de seus tipos mais elevados – isto chamei de dionisíaco" (NIETZSCHE, CI, P.132/133). Dizer um sim dionisíaco à vida, essa é a exigência de Nietzsche, ele quer de nós a prova da mais alta aceitação.

Interessante notar que a aceitação do destino não é uma aceitação passiva, de quem não consegue reagir ou criar, mas sim de uma vontade afirmativa de poder. Atitude de um homem consciente de que um ato leviano ou mesquinho pode comprometer toda a eternidade. Assim, o além-do-homem é aquele que "antecede com palavras de ouro os seus atos". É aquele que sabe viver a vida como obra e tarefa de solidão, que compreende o seu destino como um caminho a ser construído e não como *o* caminho já prescrito, feito, acabado. Ele sabe o que é vizinhar com os abismos e derrotá-los, sabe viver em meio à duras verdades.

Ver o mundo sob a óptica do eterno retorno abre espaço para vivermos de outro modo. Assim como o cristianismo e o platonismo envenenaram as fontes da vida, porque visavam um lugar melhor, viver como se tudo fosse retornar eternamente é a máxima aceitação desta vida e deste mundo e com tal concepção Nietzsche quer reconciliar o homem com a vida, quer fazê-lo aceitar a finitude e a falta de sentido sem ressentimento, sem culpa. Quer que nos entreguemos a vida como espontaneidade e amor.

BIBLIOGRAFIA

Abreviações das obras de Nietzsche

GC – A Gaia Ciência.

ZA- Assim Falou Zaratustra.

BM- Além do Bem e do Mal.

CI- Crepúsculo dos Ídolos.

EH- Ecce Homo.

NIETZSCHE, F. W *A gaia ciência.* Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhias das Letras, 2001.

_____*Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.* Tradução, notas e prefácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____*Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.* Tradução Mario da Silva. 14ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____*Crepúsculo dos Ídolos, ou, como filosofar com o martelo.* Tradução Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____*Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MACHADO, R. *Zaratustra tragédia nietzschiana***.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1972.